

VIVENCIAL DIVERSIONES – INÍCIO DE UMA CENA QUEER NO TEATRO BRASILEIRO?

Meg Silva
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade
da Universidade Federal da Bahia. Bolsista FAPESB.
megmacedo@gmail.com

*Simpósio Temático nº 04 – ARTE, GÊNERO E SEXUALIDADE: GRAMÁTICAS
DE RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIAS DISSIDENTES.*

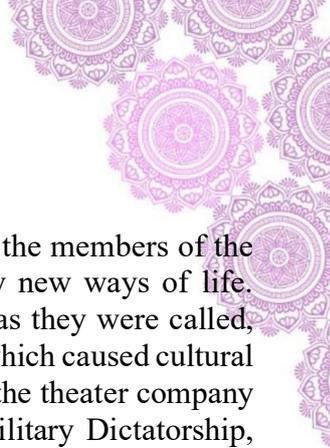
RESUMO

Este artigo visou discutir questões relacionadas a (des)construção de gênero e nasceu a partir do recorte da dissertação de mestrado da autora intitulada: *Imagem queer entre a fotografia e o teatro: análise de três casos de estudo do Brasil e Portugal (2021)*. Além de trazer à luz a discussão do apagamento e silenciamento do grupo de teatro *Vivencial Diversiones* da historiografia do teatro brasileiro, que em pleno regime militar subverteu os padrões de sexualidade e gênero. Vale ressaltar que durante o percurso teórico-metodológico dos pressupostos dos estudos queer, anterior ao que ainda viria a ser nomeado como queer, “esquisito”, “anormal”, os integrantes da companhia teatral provocaram em meio a uma sociedade extremamente conservadora novos modos de vida. O jeito espontâneo e a excentricidade, características particulares das “vivecas” (como eram chamados, por encenarem personagens femininas), estabeleceram uma *estética do desbunde*, que causaram impactos culturais e sociais à época. Concomitantemente, através do deboche e do sarcasmo, o grupo de teatro, criticava e contestava as instituições sociais desde a Igreja Católica à Ditadura Militar, o que lhe conferiu o reconhecimento de artistas que forjaram esteticamente o queer na cena teatral brasileira.

Palavras-chave: Teatro, Queer, (Des)construção de Gênero.

ABSTRAT

This article aimed to discuss issues related to gender deconstruction and was born the of master's degree dissertation entitled: *Queer image between photography and theater: analysis of three case studies from Brazil and Portugal (2021)*. In addition to bringing to light the discussion of the blackout and silencing of the *Vivencial Diversiones* theater group of the historiography of Brazilian, that in full military regime subverted the standards of sexuality and gender. It is noteworthy that during the theoretical-methodological course the assumptions of queer studies, before what would still be named



as queer, previous to what would still be named as queer, "weird", "abnormal", the members of the theatrical company provoked in the midst of a extremely conservative society new ways of life. Spontaneous ways and eccentricity, particular characteristics of the "vivecas" (as they were called, because they play female characters), they established an esthetic of debunking, which caused cultural and social impacts at the epoch. Concomitantly, through mockery and sarcasm, the theater company criticized and contested social institutions from the Catholic Church to the Military Dictatorship, which gave it recognition as artists who esthetically forged queer in the Brazilian theater scene.

Keywords: Vivencial Diversiones, Theater, Queer, Gender Deconstruction.

Introdução

Este artigoⁱ ao ser elaborado partiu da indagação seguinte: como o grupo de teatro *Vivencial Diversiones* contribuiu para o início de uma cena queer no teatro brasileiro ao provocar através do deboche e do sarcasmo a (des)construção de gênero? A partir da dissertação de mestrado da autora é possível despontar uma estética do desbundeⁱⁱ atrelada a excentricidade da companhia teatral, marcas muito particulares dos integrantes do grupo que permitiam uma vivência fora das opressões patriarcais e machistas. *Vivencial Diversiones* representa o desbunde da década de 1970, época da Ditadura Militar no Brasil, em que havia a censura da imprensa e das artes em geral.

A trupe *Vivencial Diversiones* era composta por mulheres e homens cis que se vestiam com acessórios e roupas tanto femininas quanto masculinas para se apresentarem em espetáculos teatrais. O conceito cisgeneridade, assim como aborda Viviane Vergueiro (2015) refere-se quando as pessoas se encontram em conformidade com seus sexos biológicos e o prefixo cis é uma forma concisa de se referir ao termo.

As pessoas que integravam a companhia teatral subvertiam o sistema binário de gêneros, vale evidenciar que esse vocábulo faz alusão a palavra sistema, uma transgressão na linguagem, também, destacada por Viviane Vergueiro (2015), para denunciar as opressões da colonização dos corpos queer pelo sistema colonialista de gênero. As metodologias utilizadas para esse trabalho foi a análise de dados oriundos da dissertação de mestrado da autora e de revisão bibliográfica como uma forma de provocar a discussão do resgate das narrativas das multidões queer no teatro brasileiro.



Pequenas doses de deslocamentos teóricos

Judith Butler, no seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, faz uma pergunta que permite refletir com o mote central desse artigo: “que outras estratégias locais para combater o “não inatural” podem levar à desnaturalização do gênero como tal?” Para tentar de um certo modo entender a discussão que a filósofa principia se volta um olhar crítico para os gêneros e a indissociabilidade da linguagem.

Gênero faz parte de um discurso, por isso, não é possível determinar uma ontologia do gênero – como se estabelecer políticas se o gênero é um dispositivo que opera no interior de um sistema que determina o que é correto, inteligível e normal? Em decorrência disso, a ontologia dos gêneros não será usada por Butler (2013), pois ela debate a instituição da norma que separa da vida útil os *anormais*, os que não funcionam dentro desses pressupostos normativos. A filósofa ainda diz que essa imposição de um discurso político para a construção do gênero despertou muitos questionamentos:

Do ponto de vista do gênero como imposto, surgiram questões sobre a fixidez da identidade de gênero como uma profundidade interior pretensamente externalizada sob várias formas de “expressão”. Mostrou-se que a construção implícita da edificação heterossexual primária do desejo persiste, mesmo quando aparece sob a forma da bissexualidade primária. Mostrou-se também que as estratégias de exclusão e hierarquia persistem na formulação da distinção sexo/gênero e em seu recurso ao “sexo” como pré-discursivo, bem como na prioridade da sexualidade sobre a cultura e, em particular, na construção cultural da sexualidade como pré-discursiva. Finalmente, o modelo epistemológico que presume a prioridade do agente em relação ao ato cria um sujeito global e globalizante que renega sua própria localização e as condições de intervenções locais.

Simone Beauvoir em sua obra *O segundo sexo*, já afirmava que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Judith Butler (2003) questiona essa ideia essencialista do gênero, quando ela indaga quais são os mecanismos que corroboram para essa construção, a filósofa destaca que esse pensamento inicial das teóricas feministas, mais específico da década de 1980, estabelece uma categoria universal para a mulher. A filósofa defende novas possibilidades, principalmente no âmbito do discurso e da linguagem para pensar as categorias sexo/gênero:

A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão a estrutura fundante em que o feminismo, como política da identidade, vem-se articulando. O paradoxo interno desse fundacionismo é que ele presume, fixa e restringe os próprios “sujeitos” que espera representar e libertar. A tarefa aqui não é celebrar toda e qualquer nova possibilidade *qua* possibilidade, mas redescrever as possibilidades que já existem, mas que existem dentro de domínios culturais apontados como culturalmente ininteligíveis e

impossíveis. Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de um conjunto de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga (BUTLER, 2003, p. 213).

Judith Butler (2003), também, problematiza acerca do que ela atribui como performatividade de gênero ao citar as performances das drag queens como paródias da feminilidade, o que ratifica a artificialidade dos gêneros:

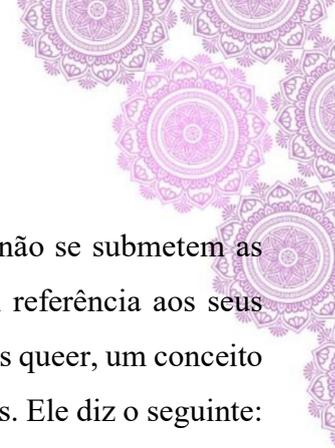
Female Trouble é também o título do filme de John Waters estrelado por Divine, também herói/heroína de Hairspray — Éramos todos jovens, cuja personificação de mulheres sugere implicitamente que o gênero é uma espécie de imitação persistente, que passa como real. A performance dela/dele desestabiliza as próprias distinções entre natural e artificial, profundidade e superfície, interno e externo — por meio das quais operam quase sempre os discursos sobre gênero. Seria o drag uma imitação de gênero, ou dramatizaria os gestos significantes mediante os quais o gênero se estabelece? Ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural, ou seria a “naturalidade” constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas? (BUTLER, 2003, p. 200).

Entretanto, a filósofa faz uma observação – ao mesmo tempo que as imitações de um determinado gênero têm como referência o gênero original e não questiona se esse gênero é de fato verdadeiro e natural, elas perpetuam a performatividade de gênero. As drag queens performam atos performativos da feminilidade, mas em suas performances elas não propõem uma reflexão sobre seus próprios discursos, apenas imitam e repetem a linguagem binária dos gêneros. Butler (2003) afirma que em contextos de paródia, a naturalidade dos sexos e gêneros são destacados como a construção performativa de um sexo original e verdadeiro.

Butler destaca, que: “A concepção do corpo como um modo de dramatização ou encenação proporciona-nos uma maneira de compreender como uma convenção cultural é incorporada e representada” (BUTLER, 2011, p. 78). Além disso, ela discorre:

O acto que é o género, o acto que são os agentes corporalizados, na medida em que são dramática e activamente corporalizados, e, de facto, na medida em que vestem certas significações culturais, não é, evidentemente, um acto individual. Certamente, há maneiras idiossincráticas e individuais de fazer o género que assumimos, mas o facto de o fazermos, e de o fazermos de acordo com certas sanções e proscricções, não é evidentemente uma questão totalmente individual (BUTLER, 2011, p. 79).

Há uma hegemonia das identidades de gêneros e sexuais com códigos e regras, e quando surgem grupos que questionam essa dominação, de certo modo, provocam a ruptura do que a cisheteronormatividade tem como métrica para estabelecer o que é natural. Dessa forma, às pessoas que causam esses rompimentos são automaticamente classificadas como “anormais” e “esquisitos”,



como formula o real significado do termo queer. As pessoas queer, portanto, não se submetem as imposições da binariedade de gênero que dita quem é mulher e homem, com referência aos seus órgãos genitais. Paul Preciado (2011) irá se referir a esses corpos como multidões queer, um conceito cunhado pelo filósofo que propõe a desontologização das políticas de identidades. Ele diz o seguinte:

Não há mais uma base natural (“mulher,” “gay” etc.) que possa legitimar a ação política. O que importa não é a “diferença sexual” ou a “diferença dos/as homossexuais”, mas as multidões queer. Uma multidão de corpos: corpos transgêneros, homens sem pênis, gounis garous, ciborgues, femmes butchs, bichas lesbianas... (PRECIADO, 2011, p. 14).

As multidões queer, então, aparecem como política, há nos corpos queer essa potência que viabiliza novas possibilidades de existências. Preciado (2011) chama isso de estabelecimento prostético dos gêneros e de sexopolítica, esse espaço é o campo minado onde se encontram as multidões queer, como o filósofo discorre: “As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se queer... a multidão queer tem também a possibilidade de intervir nos dispositivos biotecnológicos de produção de subjetividade sexual” (PRECIADO, 2011, p. 14).

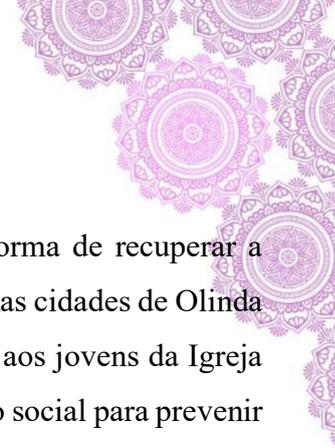
Início de uma cena queer no teatro brasileiro?

Separada Em 2011, pouco tempo depois do documentário *Dzi Croquettes* (2010), de Tatiana Issa e Raphael Alvarez estrear nos cinemas, Djalma Thürler afirmava que o filme resgatava do apagamento histórico a existência de um grupo de teatro que marcou o teatro brasileiro na época do regime militar:

O único livro que existe sobre o grupo, o “Além da palavra: a vida cotidiana dos Dzi Croquettes”, de Rosemary Lobert, é resultado de suas pesquisas no Mestrado em Antropologia, nos longínquos anos 70. Mais nada foi produzido, uma triste lacuna do teatro brasileiro (THÜRLER, 2019, p. 10).

Azvd e Thürler (2019) dizem o mesmo do documentário *Divinas Divas* (2016), de Leandra Leal que faz ruptura com esse silenciamento da historiografia do teatro brasileiro, um grupo de “travestis” e “transformistas” que subverteram com as normas padrão de sexualidade e gênero:

Outro fenômeno que não podemos esquecer, quando se fala na história do transformismo no Brasil, é o das *Divinas Divas*, retratadas em documentário homônimo, em 2017, dirigido por Leandra Leal. O filme apresenta a trajetória dos ícones da primeira geração de artistas travestis reconhecidas do país, que, no palco do teatro Rival, no Rio de Janeiro, fizeram história (AZVDO e THÜRLER, 2019, p. 228).



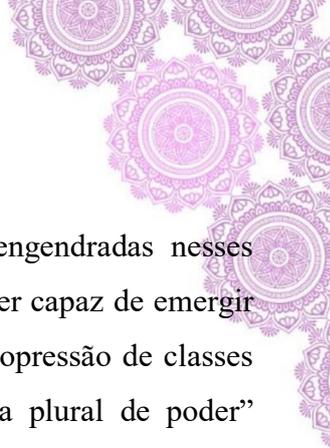
Do mesmo modo ao realizar o recorte desse artigo, trata-se de uma forma de recuperar a memória do grupo de teatro *Vivencial Diversiones*, que tanto causou polêmica, nas cidades de Olinda e Recife, Pernambuco. A companhia teatral surgiu na periferia de Olinda junto aos jovens da Igreja Católica, inicialmente o intuito da companhia de teatro era promover um trabalho social para prevenir que os moradores da periferia olindense entrassem no mundo do crime e evitar a dependência química dessas pessoas. No entanto, após, o espetáculo *Vivencial I*, do qual, abordou muitos temas considerados tabus, inclusive a homossexualidade ocorreu o rompimento com a igreja e a trupe mudou para Recife.

O período em que as vivecas romperam com a Igreja Católica, passaram a fazer peças de teatro que agradaram a elite, artistas e intelectuais recifenses, a partir desse momento que o grupo de teatro passou a se chamar *Vivencial Diversiones*. Porém, a trupe ainda mantinha um perfil anarquista, as vivecas eram espontâneas, debochadas e irônicas, voluntariosamente excêntricas e eram justamente essas características que chamavam à atenção do público.

Sobre a importância de resgatar a história da companhia teatral *Vivencial Diversiones* ainda se faz analogia com os *Dzi Croquettes*, assim como Julia Marini disse “ter sido lesada todo esse tempo (ao se referir ao anonimato da história dos Croquettes nos currículos das escolas e faculdades de teatro)” (MARINI, 2011, sem paginação). Djalma Thürler (2011) como pesquisador da área afirma ter iniciado um processo de justiça com esses apagamentos e silenciamentos das multidões queer na historiografia oficial do teatro brasileiro:

Eu cá iniciei a minha parte. No último janeiro, num Curso de Extensão oferecido pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) intitulado “Introdução à Teoria e Política queer”. Nesse Curso procurei mostrar, ainda que preliminarmente, a potência política, o poder de transformação social, de discussão do teatro feito pela família Dzi que, além de ser um grupo de estética arrojada, de rompimentos e mudanças radicais, foi responsável por questionar um padrão hegemônico de masculinidade e uma prática sexual (THÜRLER, 2011, sem paginação).

O resgate e a preservação da memória do grupo de teatro *Vivencial Diversiones*, também, podem ser considerados como uma forma de resistência, assim como Michel Foucault já falava que onde há poder há resistência. Há uma hegemonia nas artes por meio da heterossexualidade compulsória, que automaticamente exclui as subversões das normas padrão de sexualidade e gênero dos cânones da historiografia. Paola Baccheta (2009), discorre que o poder é como uma espécie de rede que se encontra em todas as relações sociais e faz ligações com os segmentos sociais, seja na sala de aula, entre as famílias, em um hospital, bairro, e/ou outros locais.



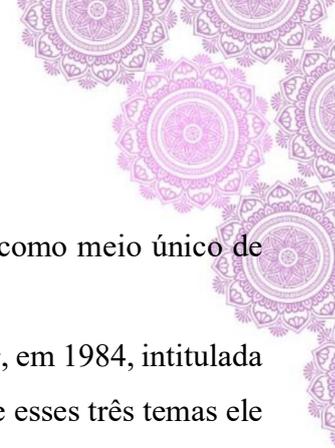
A resistência é proveniente justamente das respostas às violências engendradas nesses ambientes de poder. Baccheta (2009) explana sobre isso: “O poder, apesar de ser capaz de emergir de diferentes formas (inclusive em formas diferenciadas do sexismo, racismo, opressão de classes etc.), é sempre mutuamente constituído com, através e como cada dinâmica plural de poder” (BACCHETA, 2009, p. 05). Na contemporaneidade ocorreu, em Salvador, um exemplo de resistência as opressões cisheteronormativas na cultura. A bancada evangélica voltada para o fundamentalismo religioso estava impedindo de aprovar o Plano Municipal da Cultura de Salvador, alegando não reconhecer a cultura LGBTQIAP+ e solicitou a retirada dessa nomenclatura no Plano. O que desencadeou em uma reação de ativistas do movimento LGBTQIAP+ da cidade, políticos e da sociedade civil, permitindo assim a aprovação do projeto.

A sexualidade como disruptivo político da norma

Quando Judith Butler (2013) critica o essencialismo estratégico muitas vezes utilizado no movimento feminista para recorrer as pautas feministas consideradas mais imediatas como as questões voltadas aos direitos civis, a sua indagação central é a falta de interseccionalidade. A conceituação sobre o essencialismo estratégico foi elaborado pela autora Gayatri Spivak, no artigo “Pode o subalterno falar?”, em que Spivak explana a importância de uma análise conjuntural acerca dos movimentos sociais e da necessidade de se reivindicar todas as pautas políticas em torno das identidades desde o casamento civil até o combate à lgbtfobia.

O autor Miguel Vale de Almeida (2009) fala que há duas frentes no âmbito das lutas do movimento LGBTQIAP+: a primeira é mais radical e reivindica uma ação de ruptura com as instituições burguesas e a segunda é conciliatória que ele nomeia como mais liberal, já que atua no campo das políticas de inserção das pessoas LGBTs às normas heteronormativas. Ele sugere uma terceira via que dialoga com as duas frentes, pois para Almeida, é necessário fazer a política do possível, para isso, é preciso não ser tão radical, bem como não ser tão subserviente com o sistema.

Já o autor Richard Miskolci (2010) é contrário em restringir politicamente a população LGBT em apenas dois termos. Para ele o fundamental é criar soluções que agreguem as reivindicações e as pautas desses dois grupos, e, com isso, estabelecer a união entre todas as pessoas da comunidade desde as mulheres lésbicas, as pessoas trans, aos gays, bissexuais, pansexuais, intersexuais, assexuais etc. Ou seja, tratar todas essas questões dentro da perspectiva da política da diferença, assim como



ele diz: “queremos” ser diferentes do que nos foi atribuído ou nos é oferecido como meio único de adquirir a igualdade” (MISKOLCI, 2010, p. 11).

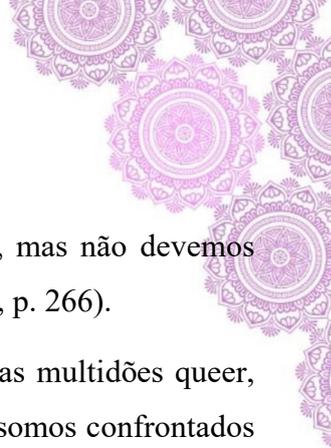
Na entrevista concedida por Foucault para revista canadense *Body Politic*, em 1984, intitulada de *Sexo, poder e a política da identidade*, o filósofo refere-se à intersecção entre esses três temas ele traz à luz conexões tão caras à época e nos dias atuais: a criatividade. Foucault relata muito bem que a premissa para uma vida saudável em todos os aspectos, principalmente a sexual é a liberdade de criação. O controle que se instalou desde o século XIX ao sexo, tornou-nos em uma sociedade doente. A subtração da criatividade nos impede de viver uma vida plena, em gozo, assim como é possível ver expresso neste enxerto: “A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A liberdade é algo que nós mesmos criamos — ela é nossa própria criação” (FOUCAULT, 2004, p. 260).

Ele parte da premissa de que o sexo nos pertence e é reconhecido como uma força criativa, ao ratificar esse pensamento, o filósofo diz que o que surgirá será uma nova ética, novas formas de nos relacionarmos, conseqüentemente experimentaríamos novas formas de prazer. E o desejo faz parte disso, ele não é algo oculto, ele está já dentro deste contexto, mas nos expressarmos livremente, com liberdade criativa fará com que o desejo se torne mais latente.

Vale ressaltar que em meio a essa problematização acerca dessas temáticas, Foucault fala da imprescindibilidade da resistência e da desobediência, a exemplo, do grupo de teatro *Vivencial Diversiones*, mesmo com tanta vigilância e opressão dos corpos, as vivecas transgrediram as normas padrão de sexualidade e gênero. O que se pode concluir que para toda essencialização das relações sociais há uma outra força propulsora que resiste e a isso se deve a criatividade, portanto, pensar o prazer fora da criação e da liberdade é tolhê-lo.

A nova ética que se presume no pensamento de Michel Foucault é livre de qualquer amarra e aprisionamento, assim como foi *Vivencial Diversiones*. Segundo Richard Miskolci quando as pessoas que sofrem preconceito por causa das suas identidades sexuais e/ou de gêneros, elas têm na vergonha o fator comum que as interligam no âmbito das suas vivências. As vivecas proporcionaram novas vivências, existências, re-existências ao se rebelaram contra essas opressões e usaram o deboche para mostrar que vergonhoso não era ser bicha efeminada periférica, mas o preconceito.

Igualmente Michel Foucault (2004)ⁱⁱⁱ explana que demarcar a identidade enquanto sujeita e sujeito social para definir direitos civis e prevalecer a existência social é importante, mas delimitá-la enquanto existência universal, pode produzir, também, um padrão: a homonormatividade, assim como o pensamento heterossexual foi estabelecido. Ele afirma: “Nós não devemos excluir a



identidade se é pelo viés da identidade que as pessoas encontram seu prazer, mas não devemos considerar essa identidade como uma regra ética universal” (FOUCAULT, 2004, p. 266).

O Brasil tem um governo que pauta o massacre e a imputação da dor as multidões queer, desumaniza as pessoas e possui como meta a higienização social. Diariamente somos confrontados com ações violentas de uma necropolítica que nega a vacinação contra o coronavírus, estimula as mortes de pessoas negras, pratica o feminicídio, lesbocídio, assassinato de gays e pessoas trans, dentre inúmeras outras violências. Resistir é uma questão de sobrevivência. No Brasil, ser dissidente é colocar sua vida em risco. A frase: luto é luta! Ela traduz a batalha diária de uma pessoa marginalizada, infelizmente, ainda é preciso travar muitas lutas para mudar a realidade social brasileira.

Considerações finais

Ao realizar a análise teórico-metodológica desse artigo foi percebido o quanto a temática precisa ser discutida em pesquisas científicas nas universidades brasileiras e da grande lacuna que há nos cânones da historiografia do teatro brasileiro de histórias brilhantes como as do grupo de teatro *Vivencial Diversiones*, que deixaram um enorme legado, mas que não foi valorizado, em decorrência da heterossexualidade compulsória que apaga as multidões queer nas artes. É perceptível o quanto a *queerização* se encontra em um processo de estabelecimento mesmo que nos últimos vinte anos tenha crescido de forma exponencial os estudos queer na ciência, ainda assim, é incipiente, o que instiga a realização de mais artigos que atravessem esses assuntos.

Ao saber mais da história do grupo de teatro *Vivencial Diversiones* nota-se resquícios de uma cena queer no teatro brasileiro, já na década de 1970, em que a subversão de gênero era o centro das narrativas da companhia teatral. Por isso, foi imprescindível a escolha da trupe para a realização desse trabalho, pois possibilitou uma discussão profícua acerca da desconstrução de gênero, um debate analítico e crítico, além de tentar entender o silenciamento histórico do grupo.

Dessa forma, provocou a reflexão sobre a premissa de que o gênero já é constituído antes da existência do ser, como muito bem pontua, Judith Butler, o sexo e o gênero são resultados dos atos performativos. Ao lançar uma lupa analítica sobre a companhia teatral *Vivencial Diversiones* permitiu essa crítica acerca da binariedade de gênero pré-formatada na nossa sociedade. “Se o mundo é um



palco, a identidade é nada mais que uma fantasia” (Sense8 2x10), das Roteiristas: Lilly Wachowski, Lana Wachowski e J. Michael Straczynski.

Referências bibliográficas

AZVDO, Armando e THÜRLER, Djalma. A arte é divina demais para ser normal: drag queers e políticas de subjetivação na cena transformista. Revista Crioula - nº 24 - Dissidências de Gênero e Sexualidade nas Literaturas de Língua Portuguesa, 2019.

BACCHETA, Paola. Co-formações/Co-produções: Considerações sobre Poder, Sujeitos Subalternos, Movimentos Sociais e Resistência. In: Leituras de Resistência Vol. 1, 2009.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero – um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In Gênero, cultura visual e performance: antologia crítica, org. por Ana Gabriela Macedo e Francesca Rayner, revisado por Ana Maria Chaves, Joana Passos e Márcia Oliveira. Braga: Editora Humus, 2011.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. Michel foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. Verve, 5: 260-277, 2004.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos: notas sobre o declínio do essencialismo estratégico. Artigo apresentado na Mesa Novas Perspectivas e Desafios Políticos Atuais do evento Stonewall 40 + o que no Brasil? – Salvador, 17 de setembro de 2010. Disponível em <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/N%C3%A3o-Somos-queremosRichardMiskolci.pdf>>.

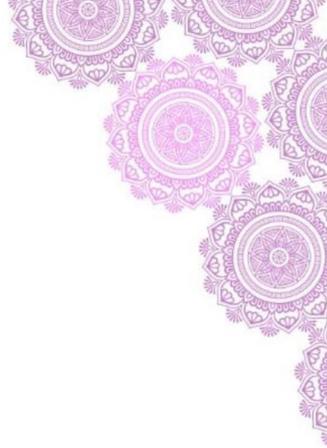
OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação, p. 97. Curitiba: Editora Primas, 2017.

PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Revista Estudos Feministas, vol. 19, núm. 1, enero-abril, 2011, pp. 11-20. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, Brasil.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, 2015.

THÜRLER, Djalma. Dzi Croquettes: Uma política queer de atravessamentos entre o real e o teatral. Universidade Federal da Bahia, 2011.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Ser mas não ser, eis a questão. O problema persistente do essencialismo estratégico. Working Paper CRIA 1, Lisboa, 2009.



ⁱ É importante ressaltar que este artigo nasceu do recorte da dissertação de mestrado da autora.

ⁱⁱ surgiu na Ditadura Militar brasileira foi uma forma que a juventude encontrou para se rebelar contra o regime autoritário da época, ao utilizar a arte como protesto.

ⁱⁱⁱ Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; trad. F. Durant-Bogaert). The Advocate, no 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. Esta entrevista estava destinada à revista canadense Body politic.